

## Franciscanismo, Boaventura e o debate sobre o intelecto no século XIII

Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin<sup>1</sup>  
Profa. Dra. Terezinha Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo trata da Ordem Franciscana e do debate realizado por um franciscano, São Boaventura de Bagnoregio (1217-1274), na Universidade de Paris, acerca da importância das ciências para o desenvolvimento do intelecto. Objetiva-se explicitar que as reflexões de Boaventura e seu entendimento do mundo pautavam-se na submissão da Filosofia à Teologia. O estudo da Ordem dos Franciscanos e de alguns dos seus representantes do século XIII é fundamental para compreendermos o momento histórico e as razões pelas quais a imagem da pobreza era apresentada como o meio de se aproximar de Deus e da vida eterna. Esse debate, promovido por mestres universitários, seguidores da Ordem Mendicante, constitui-se, hoje, um importante estudo no campo da história da educação, pois, por meio dele, recuperamos a memória da ambiência universitária medieval, os elementos teóricos do ensino desta época e os aspectos dos embates religiosos do século XIII. Por fim, seguindo os caminhos da história, acompanharemos como os escritos do mestre Boaventura influenciaram alguns debates acerca do desenvolvimento do intelecto.

**Palavras Chave:** Boaventura de Bagnoregio. Universidade Medieval. Intelecto. Ordens Mendicantes.

**Abstract:** This article treats the Franciscan Order and the discussion by a Franciscan, Boaventura de Bagnoregio (1217-1274), in the University of Paris, about the importance of sciences for the development of intellect. It aims to set out that the reflections of Boaventura and his understanding of the world were ruled in the submission of the Philosophy to the Theology. The study of the Order of the Franciscans and of some of his representatives of the century XIII is basic in order to understand the historical moment and the reasons by which the image of the poverty was presented as the way of being near to God and eternal life. That discussion, promoted by university masters of the Mendicant Order, is today an important study in the field of the history of the education, since through him we recover the memory of the university medieval ambience, theoretical elements of the teaching of this time and aspects of the religious crashes of the century XIII. Finally, following the ways of the history, we will accompany how the written ones of the master Boaventura, influenced discussions about the development of the intellect.

**Keywords:** Boaventura of Bagnoregio. Medieval university. Intellect. Mendicant orders.

Este artigo trata da Ordem Franciscana e do debate realizado por um franciscano, São Boaventura de Bagnoregio, na Universidade de Paris, acerca da importância das ciências para o desenvolvimento do intelecto. Seu objetivo é explicitar que suas reflexões e seu entendimento de mundo se pautavam na submissão da Filosofia à Teologia. Para tanto, faremos, primeiramente, uma explanação do papel que a Ordem representou na sua vida e na sua trajetória intelectual.

O exame da Ordem dos franciscanos e de alguns dos seus representantes do século XIII é fundamental para compreendermos o momento histórico e as razões pelas quais a imagem da pobreza era apresentada como o meio de se aproximar de Deus e da vida eterna.

M. D. Chenu é o nosso principal apoio para realizar esse exame. Mas, utilizaremos também as obras de autores como Falbel, De Boni, Garí e outros que estudaram o século XIII e fizeram referências à Ordem Franciscana. Percebemos, por

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação com ênfase em História da Educação pela Universidade Estadual de Maringá e Professora da Universidade Estadual do Paraná – Campus da FAFIPA/ sol\_perin@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Doutora em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista – UNESP – Assis. Bolsista em Produtividade pelo CNPq na área de Educação/História da Educação. Professora Associada junto ao Departamento de Fundamentos da Educação e ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá/UEM - teleoliv@gmail.com

meio desses autores, que não existe uma visão única acerca do papel dos franciscanos na sociedade da época. Ao contrário, verificamos que existem diversas interpretações sobre este assunto. De Boni, por exemplo, centra-se na questão do surgimento da Ordem; Chenu, nos valores morais e éticos; Garí e Falbel, no ideal que os franciscanos expressavam em suas pregações. Neste estudo, apresentaremos as análises destes e de outros autores que trataram da Ordem Franciscana, mostrando alguns pontos divergentes em suas interpretações.

Blanca Garí, por exemplo, em sua obra *La vida del espíritu*, afirma que a Ordem Franciscana, no século XIII, era diferente de outros movimentos sociais da Idade Média que também apresentavam a imagem da pobreza como modelo de vida a ser seguido. A principal diferença, segundo a autora, é que os franciscanos e os dominicanos não se isolaram nos mosteiros, como os beneditinos (séc. VI) ou os cistercienses (séc. XI), mas organizaram-se nas cidades, em meio ao movimento do comércio.

[...] La nueva comunidad, la de los frailes menores, llamada mendicante porque pregonaba la ausencia de toda propiedad y la vida errante y pordiosera, se organiza sobre todo en las ciudades, en los centros mercantiles, en los núcleos donde con mayor fuerza triunfa la economía de mercado. Al revés de lo que sucedía con el ideal de <<apartamiento del mundo>> que proclamaban los anteriores movimientos monásticos, los frailes viven en el corazón de este mundo, puerta con puerta, codo a codo, en los espacios urbanos y mercantiles, proclamando en ellos que la pobreza literal y espiritual es el camino indispensable hacia el amor y la libertad (GARÍ, 2006, p.217-218).

A autora afirma que os franciscanos tinham como objetivo inserirem-se na vida urbana para defender a autenticidade da pobreza e o desapego aos bens materiais como norma de conduta para alcançar o mundo eterno. Com isso, eles se contrapunham às mudanças que estavam ocorrendo, especialmente as relacionadas ao desenvolvimento do comércio e cujas consequências eram o luxo, o apego aos bens materiais e à riqueza “[...] la pobreza y del concept de “propriedad” se erigirá en el símbolo de interpretaciones contrapuestas que irán abriendo en el seno de la comunidad, y más allá de ella en el seno de la sociedad [...] (GARÍ, 2006, p.218).

Para Garí, Francisco via a necessidade de evangelizar nas cidades, em meio aos homens do comércio, pois, assim, ele conseguiria mostrar às pessoas, por meio da palavra e das atitudes, como seguir os ensinamentos de Deus. O propósito era indicar aos contemporâneos que o acúmulo de riquezas e a preocupação com o bem estar do corpo eram contraditórios aos ensinamentos deixados por Deus e vividos por seu filho na Terra. Por isso, o símbolo da pobreza corresponde à intenção de conseguir apenas o suficiente para atender às necessidades físicas: comer, vestir e manter o corpo protegido. Para Francisco, esta deveria ser a preocupação dos homens em relação ao corpo. Quanto à preservação e salvação da alma, era preciso a oração e o agradecimento, pois, este era o caminho para as pessoas se aproximarem do Criador.

Já de acordo com Falbel, a organização desta Ordem nas cidades não tinha, a princípio, um ideal definido. Francisco ficara na dúvida entre seguir a vida eremítica e dedicar-se à evangelização dos homens. A decisão foi tomada após uma revelação que Deus lhe fez, segundo a qual a sua missão na Terra era arrebanhar almas desviadas do caminho divino.

[...] Francisco não tinha plena confiança em sua própria prudência e nem na dos outros, e resolveu servir-se da oração para pedir a

Deus que lhe manifestasse a Sua vontade nesse assunto. Soube, então, por revelação divina, que Deus o havia enviado a fim de que ganhasse para Cristo almas que o diabo se empenhava a arrebatá-lhe. Por isso escolheu viver para ser útil a todos e não somente a si mesmo, conforme exemplo de Cristo que se prontificou a morrer para a salvação de todos os homens (FALBEL, 1995, p. 10).

De acordo com o autor, por meio de orações, Francisco teve a revelação de que deveria seguir o caminho da evangelização, a fim de trabalhar com as almas que tinham se desvirtuado e se distanciados dos ensinamentos divinos. A questão da revelação e a dúvida que Francisco teve entre se dedicar somente à oração em lugares isolados ou realizar as pregações de cidade em cidade ocuparam grande espaço nas formulações de Boaventura. Na sua obra sobre a vida de Francisco, *Legenda Maior e Legenda Menor*, ele esclarece que Francisco, como era uma pessoa de grande humildade e não se envergonhava em pedir conselhos aos seus seguidores, antes de tomar uma decisão procurou-os e lhes disse o seguinte:

<<Meus irmãos, que me aconselhais, qual a vossa opinião: devo dedicar-me à oração ou caminhar de cidade em cidade para pregar? Pois sou um pobre homenzinho simples, sem eloquência, mais dotado para a oração do que para a pregação. Na oração obtemos e acumulamos graças, ao passo que a pregação é, por assim dizer, uma distribuição dos bens recebidos do Céu. Na oração purificamos todos os impulsos da alma e os centramos com maior firmeza n'aquele que é o único e soberano Bem, enquanto na pregação nosso espírito se cobre de poeira, como os pés, as distrações nos assaltam de toda a parte e a disciplina se relaxa. Na oração falamos com Deus e o ouvimos, levando assim uma vida que se aproxima da dos anjos, ao passo que a pregação nos força a nos colocar continuamente ao nível dos homens e a viver com eles, pensar, ver, falar e escutar com eles... Mas, contra todas essas vantagens da oração, existe um argumento que, se nos colocarmos do ponto de vista de Deus, parecerá decisivo: o Filho único de Deus, Sabedoria suprema, deixou o seio do Pai pela salvação das almas, a fim de se dar ao mundo como exemplo, dirigir aos homens a Palavra que salva, dar-lhes seu sangue como resgate e libertação, como banho de purificação e como bebida que fortifica; nada reteve para si, mas nos deu tudo como Moisés que confeccionou o candelabro de ouro segundo o modelo de Deus lhe mostrara sobre o monte, parece-me que o que mais agrada a Deus é que eu abandone a tranqüilidade de meu retiro para ir trabalhar e pregar>>. (BOAVENTURA, *Legenda Maior e Legenda Menor*, c. XII, § 1).

Percebemos, por meio do relato de Boaventura, que Francisco preocupou-se demasiadamente com a possibilidade de se dedicar à pregação, o que exigiria um contato mais próximo com as pessoas. Logo, a dúvida entre a oração e a pregação pautava-se, principalmente, na necessidade de inserir os seus seguidores no cotidiano citadino, já que ali se deparariam com preocupações materiais.

Em virtude de escolher a pregação, portanto, o contato direto com as pessoas, houve a necessidade de enfatizar a questão da pobreza. Por isso, segundo Chenu, a pobreza “[...] é, pois, por sua própria natureza, o símbolo eficaz e o primeiro ato do despertar evangélico” (CHENU, 1967, p. 19). Ela foi a primeira regra posta por Fran-

cisco pautada no Evangelho. A regra de extrema pobreza significava, também, não se deixar desvirtuar pelo luxo, pelo lucro e pela riqueza, com os quais os homens estavam, aos poucos, se envolvendo em razão, dentre outras coisas, das atividades comerciais.

Boaventura afirma que a regra da extrema pobreza revelou como Francisco era um homem que se diferenciava dos demais. Ele abdicou dos bens materiais que os pais possuíam para seguir a vida da simplicidade. No entanto, ele enriquecia a alma, por meio da oração, da dedicação aos doentes, da evangelização e da preocupação com a salvação da alma de todos.

Entre outros dons e carismas que o Doador de todos os bens concedeu a Francisco, houve um privilégio singular: o de crescer nas riquezas da simplicidade através do amor pela altíssima pobreza [...] Ninguém foi tão ávido de ouro quanto o foi Francisco da pobreza e ninguém pôs tanto cuidado em guardar seus tesouros como o foi ele em conservar tão preciosa. Por isso nada o ofendia tanto como ver em seus irmãos qualquer coisa que não estivesse inteiramente de acordo com a pobreza. E na verdade, o santo desde o início de sua vida religiosa até a morte, possuiu estas riquezas: a túnica, o cordão e as roupas de baixo; e vivia contente (BOAVENTURA, *Legenda Maior e Legenda Menor*, c. VII, § 1).

O mestre Franciscano, como admirador e seguidor de Francisco, considera que suas atitudes faziam dele um exemplo dos ensinamentos divinos, principalmente por ele ter se dedicado à pobreza e por viver de forma a suprir apenas as necessidades básicas de sobrevivência. Falbel, em análise sobre a questão da ordenação total da pobreza por Francisco, afirma que, no início, no ano de 1210, quando Francisco procurou o Papa para o reconhecimento da Ordem, houve certa dúvida quanto a se seguir regras tão rígidas e comportamentos tão próximos da vida dos santos, ou seja, quanto a seguir uma vida precária e sem o mínimo de conforto material.

Ademais, a vida urbana e comercial do século XIII já continha aspectos que contradiziam a forma de vida que priorizava o desapego de tudo o que o desenvolvimento comercial propiciava, ou seja, de diferentes tipos de alimentos, vestuário, ornamentos etc. A urbanização trouxe maior convívio entre as pessoas, logo, os costumes também se alteraram, foram ensinados, imitados e, pouco a pouco, o modo de se vestir, comer e se relacionar foi sendo alterado, até por questão de convivência.

Para exemplificar algumas das alterações comportamentais do século XIII, citaremos Norbert Elias que, em seu livro *O Processo Civilizador*, menciona o comportamento à mesa e a ostentação do luxo nos utensílios usados pelos 'ricos' desse período.

As formas de utensílios variaram muito ao longo dos séculos. Houve modas, mas também uma tendência muito clara para o com-servantismo, a despeito das flutuações nelas. A alta classe secular por exemplo, adotava um luxo extraordinário à mesa. Não era uma pobreza de utensílios que mantinha o padrão, mas, simplesmente, o fato de que nada mais fosse necessário. Comer dessa maneira era considerado natural. Era conveniente para essas pessoas. Mas elas gostavam também de ostentar riqueza e categoria pela opulência dos utensílios e da decoração da mesa. Nas mesas dos ricos do século XIII, as colheres eram de ouro, cristal, coral, ou ofita. Ocasionalmente lemos que durante a Quaresma eram usadas facas com cabo de ébano e, na Páscoa, de marfim (ELIAS, 1994, p.80).

Os utensílios são exemplos da manifestação de riqueza por parte dos homens desse período. Elias trata de vários outros costumes que foram incorporados como forma de demonstração da posição ocupada socialmente. Mostra que os costumes sempre se modificam e sempre continuarão se alterando, pois, o que em um determinado momento é considerado como comportamento civilizado, em outro pode ser analisado como falta de civilidade.

Nesse sentido, no século XIII, a pobreza absoluta como modelo de vida contradizia com os costumes que estavam afluindo na sociedade. O desapego de tudo o que trazia o mínimo de conforto para o corpo era uma contestação aos sentimentos que expressavam a riqueza como o modelo ideal da sociedade.

De acordo com Chenu, os homens do século XIII, ao assumirem a pobreza - referência aos franciscanos e dominicanos - como símbolo de pureza do espírito, romperam com a riqueza que a sociedade estava produzindo. Abandonaram instituições ricas, como a Igreja e os 'majestosos' mosteiros, e se dedicaram à pregação do Evangelho.

Para ele, essa ruptura não significa um posicionamento a favor ou contra o 'regime econômico', pois, nem Francisco nem Domingos, tinham por ideal combater ou favorecer a nova forma de vida dos homens: seu compromisso era evangelizar.

Além disso, Chenu afirma que esses homens, que viam a pobreza como forma de aproximação com o Criador, causaram um impacto social e despertaram duras críticas em relação à maneira como pregavam o Evangelho (CHENU, 1967, p. 19-20). Os mendicantes destacavam que o Evangelho deveria ser pregado 'em sua letra nua', ou seja, assim como Cristo pregou, sem comentários, sem intervenções. O autor alega que "[...] é o Evangelho posto em causa pelos promotores de uma nova Cristandade" (CHENU, 1967, p.19). Para estes pregadores, o zelo do espírito propiciava os sentimentos da fé, do perdão, da caridade, da humildade e de outros presentes nos ensinamentos cristãos.

Em De Boni, por seu turno, a vida de pobreza adotada pelos franciscanos do século XIII era uma forma de acolher aqueles que estavam totalmente desamparados, seja em relação às necessidades básicas seja em relação às espirituais. Segundo ele:

[...] formas de reinterpretação religiosa do mundo, como a proposta pelos espirituais, emergem como resposta a problemas de uma época e facilmente alcançam camadas populares. Por vezes apresentam resposta mais emocional que racional, mas com ela oferecem uma chance de integração social a grupos semimarginalizados. Atendo-se à religião e ignorando, aparentemente, a realidade política, eles agem, entretanto, de modo altamente político; não podendo aceitar ou subverter as estruturas vigentes, negam-se pela alienação ante elas [...] e convém recordar que Francisco de Assis insistiu até o fim em fundar tão somente uma *fraternitas* – funcionando como crítica velada às divisões em classes, das quais a própria Igreja tradicional é um espelho (DE BONI, 2003, p. 245).

O autor vê nos mendicantes, ainda que indiretamente, um movimento político, pois, a intenção de Francisco era agrupar pessoas que pudessem dar ajuda e apoio aos doentes, aos famintos, aos descrentes/ou desconhecedores das palavras de Deus, as chamadas *fraternitas*. Para esse trabalho, os frades fundamentaram-se na Igreja primitiva, na qual não havia distinção entre o individual e o coletivo. Uns viviam para os outros e ajudavam os que mais precisavam "[...] Os frades professavam-se pobres porque, no pa-

raíso, os primeiros pais nada tinham de próprio; porque a Igreja primitiva, que fora perfeita, não conhecia a distinção entre ‘meu’ e ‘teu’ [...]” (DE BONI, 2003, p. 245-246).

No início da Ordem, a rigidez contida na proposta de viver segundo os mandamentos do Evangelho resultou em várias dúvidas e críticas sobre a possibilidade de aceitação dessa forma de vida. Posteriormente, por volta de 1212, a vida evangélica dos frades já tinha atingido várias regiões da Itália e obtido muitos seguidores. A princípio, tinha-se destacado um pequeno grupo de pessoas, que mostrava a pobreza como símbolo de vida espiritual para a sociedade. Essas pessoas diziam que viveriam como Cristo na Terra, sem apego às coisas materiais. Aos poucos, esse grupo foi ganhando adeptos, disseminando-se por todos os países do Mediterrâneo. Garí enfatiza essa questão:

[...] A esa corriente se adhieren muchos hombres y mujeres de finales del siglo XIII y del XIV, beguinas y beguinos que as veces hacen algunos votos, convirtiéndose entonces en terciarios y terciarias de la orden. El fenómeno es patente sobre todo en los países mediterráneos: las ciudades del norte de Italia, el reino de Mallorca tanto en su vertiente insular como en Languedoc, Catalunya, el reino de Valencia, el reino de Aragón y también Nápoles y Sicilia (GARÍ, 2006, p. 218).

Atendo-se ao desenvolvimento da Ordem, a autora mostra que as mulheres também foram seguidoras das regras. Clara de Assis, por exemplo, amiga e discípula de Francisco, juntamente com outras mulheres, seguiram vida semelhante à dos frades. Segundo Garí, Clara foi fiel às regras de Francisco. Procedente de uma família nobre, ela abandonou a vida que levava e formou a comunidade das Clarissas. Esta comunidade, tal como a de Francisco, cultivava a pobreza e suas adeptas sobreviviam de trabalhos manuais. Consideramos importante a referência de Garí às mulheres que seguiram o exemplo dos franciscanos porque essa é uma maneira de destacar o envolvimento das pessoas com a proposta de vida desses frades.

Percebemos, assim, que essa ordem teve um papel social importante. Naquele momento de transição, de alterações comportamentais, os franciscanos despertaram a atenção das pessoas e conseguiram inúmeros adeptos. Eles não se mantiveram neutros às mudanças da sociedade, pois, fazendo parte do contexto e presenciando as alterações que estavam ocorrendo, procuraram não se adaptar a elas. Francisco propôs que os homens levassem uma vida semelhante à de Cristo, ou seja, à vida dos santos, e se dedicassem a ajudar uns aos outros, acreditando que o sustento e a pureza da alma se faziam por meio da oração, da humildade e do desapego aos bens materiais.

Ainda que essa proposta parecesse ter apenas um aspecto religioso, observamos que a Ordem dos franciscanos foi além das questões religiosas. Desde sua criação até o momento em que passou a ser representada por Boaventura, debates políticos e educacionais também embasaram suas regras.

Entendemos que, quando ocorrem mudanças de convívio e relacionamento social, as alterações educacionais também acontecem, ou seja, as pessoas se re/educam para se adaptarem e aceitarem o novo, ou seja, passam por novos aprendizados.

Assim, nesse contexto de várias alterações sociais e educacionais, nas quais os homens buscavam conhecimentos voltados para a comercialização, para uma convivência mais próxima com as pessoas, nas cidades, inserimos Boaventura. Como representante de Francisco, ele procurou seguir as regras da Ordem, mas se preocupou, também, com o conhecimento necessário aos homens para a adaptação e aceitação da vida cidadina.

Boaventura ministrou seus ensinamentos na Universidade de Paris. Embora reconhecesse que Francisco não era a favor do uso das ciências, “Quem pretende chegar ao cume da pobreza deve renunciar não somente à prudência segundo o mundo, mas também às letras e as ciências [...]” (SÃO FRANCISCO apud BOAVENTURA, *Legenda Maior e Legenda Menor*, c. VII, § 2), ele considerou o conhecimento como uma das principais virtudes do homem: os estudos das ciências levariam a uma melhor interpretação das Palavras Sagradas e, com isso, o homem entenderia que suas atitudes deveriam seguir os princípios da bondade, da solidariedade, do amor ao próximo e da humildade.

Quando estudamos os ensinamentos de Boaventura, não o estamos colocando como o único mestre do século XIII a se preocupar em apresentar aos homens uma melhor forma de entendimento e de explicação sobre suas vidas e as mudanças que estavam ocorrendo. A ênfase maior que lhe damos decorre da maneira como destacou o intelecto como principal meio de compreensão de tudo. Segundo ele, este desenvolvimento só poderia acontecer caso vinculado ao entendimento de que Deus era a própria inteligência. Afirma ele:

*Um só é o vosso mestre, Cristo (Mateus, 23,10). Com estas palavras exprime-se com clareza qual seja o princípio fontal da iluminação cognoscitiva, isto é Cristo, que, - como diz Hebreus, 1,3 – é irradiação da glória e imagem de sua substância, e a tudo sustenta com o poder de sua palavra; ele é origem de toda sabedoria, segundo Eclesiastes 1,5: Fonte da sabedoria é a palavra de Deus nos céus. O mesmo Cristo é então a fonte de todo o conhecimento certo (BOAVENTURA, *Cristo único Mestre*, §1. Grifos do autor).*

Segundo Boaventura, o único meio de entender tudo era conceber Cristo como o único mestre e como fonte de sabedoria: único mestre porque era o criador de tudo e de todos; fonte de sabedoria porque deu aos seres humanos a inteligência para poder conhecer as coisas e, por meio dessas criações, entender o próprio criador. Assim, para compreender as exigências que estavam surgindo e se adaptar a elas, sem se esquecer dos mandamentos de Deus, era preciso re/organizar o pensamento e saber, de acordo com mestre, que a Teologia era a explicação de todas as ciências.

É preciso considerar que, para as atividades comerciais, para o conhecimento de novos territórios, de outras culturas, da realização dos cálculos, os homens foram em busca das ciências etc. Por isso, em *Redução das ciências à Teologia*, Boaventura afirma que as ciências explicavam as coisas, porém, isso só era possível porque Deus era o centro de toda ciência.

*E assim fica manifesto como a multiforme sabedoria de Deus (7), que com grande clareza se nos manifesta na Sagrada Escritura, oculta-se em todo o conhecimento e em toda a criatura. Fica manifesto também, como todo o conhecimento está subordinado à Teologia, e por isto ela assume os exemplos e utiliza a linguagem pertencentes a qualquer outro gênero de conhecimento. Fica manifesto, igualmente, quão ampla é a via iluminativa, e como no íntimo de toda a coisa que se sente ou se conhece está presente o próprio Deus. – E este há de ser o fruto de todas as ciências, que por meio delas se edifique a fé [...] (BOAVENTURA, *Redução das ciências à Teologia*, § 26. Grifos do autor).*

Para o autor, conhecer profundamente as coisas correspondia entender Deus como a própria sabedoria e criador de tudo. Além disso, sua existência só estava explícita nas Sagradas Escrituras: nelas estavam os seus ensinamentos.

As atividades comerciais, por sua vez, implicavam a necessidade de aprender por meio das ciências, pois, era preciso conhecer, saber como agir e saber como se relacionar. Isso levou os indivíduos a buscar outros conhecimentos e adquirir uma ‘nova educação’ para conviver socialmente, assim como se instruir para administrar suas riquezas e outros elementos necessários à convivência social.

A estreita relação de convivência entre os homens, isto é, a proximidade humana, acabou fortalecendo alguns sentimentos, como a ambição, que, muitas vezes, abarcava ideais de combatividade, de luta e de conquista, e o luxo com o comércio, foi, aos poucos, se transformando em mecanismo de distinção social, já que o que cada um possuía era revelado pelos aparatos que o ornamentavam.

Quanto a esses sentimentos, Boaventura ensina aos seus ouvintes que os homens, ao serem despertados por eles, sem discerni-los nos limites do bem e do mal, ou seja, sem saber dominá-los para não se tornar dominados por eles, provocariam em si um conflito de obediência e de compreensão sobre os ensinamentos de Deus.

Para o mestre Franciscano, aquele que caía na vontade do corpo estava corrompido pelo pecado e, se não pedisse o perdão de Deus, tornar-se-ia um pecador, sempre em busca de poder, de ambição e sem nenhuma preocupação com o próximo. Caso não houvesse uma preocupação com o outro e com a devida interpretação das Palavras de Deus, a sociedade poderia ser corrompida pelo pecado e ‘inclinarse para o mal’, agindo cada um para si, com sentimento de egoísmo e causando a desorganização social.

[...] O pecado não é uma entidade, mas defeito e corrupção, pela qual corrompe-se o modo, a espécie e a ordem na vontade criada. Por isso, a corrupção do pecado é contrária ao seu próprio bem, mas, apesar disso, não possui existência a não ser no bem, nem tem outra origem a não ser no bem, que é o livre-arbítrio da vontade. Este não é de todo mau, pois pode querer o bem; nem é de todo bom, pois pode inclinar-se para o mal (BOAVENTURA, *Brevilóquio*, III parte, cap. I, § 1).

Para esclarecer melhor essa questão dos sentimentos considerados por Boaventura como pecado, mencionamos Huizinga, autor do início do século XX, que analisou o papel da fé na vida dos homens medievais. O autor observou que diversos sentimentos humanos foram intensificados com a expansão do comércio. Destaca, dentre eles, o desejo de poder e a ambição, ressaltando que, ainda que fossem considerados pecados no final da Idade Média, já anunciavam uma nova maneira de conceber o mundo.

O poder não está ainda predominantemente associado ao dinheiro; é antes inerente à pessoa e depende de uma espécie de temor religioso que ela inspira; faz-se sentir pela pompa e magnificência ou pelo numeroso séquito de partidários fiéis [...] A ambição, por outro lado, nem tem esse caráter simbólico, nem aquelas relações com a teologia. É um puro pecado mundano, o impulso da natureza e da carne. No fim da Idade Média as condições do poder alteram-se pelo acréscimo da circulação da moeda e o ilimitado campo aberto a quem quer que desejasse satisfazer a sua ambição de amontoar riqueza. Para esta época a cobiça torna-se o pecado



predominante. A riqueza não tinha adquirido ainda a feição impalpável que o capitalismo, baseado no crédito, lhe daria mais tarde (HUIZINGA, 1978, p. 28).

Huizinga discorre sobre as mudanças sociais que ocorreram com o desenvolvimento comercial. Para ele, os sentimentos que estavam sendo considerados como pecados na época marcaram as diferenças econômicas ocorridas na transição do feudalismo para o capitalismo. Esses sentimentos correspondiam à forma de vida que estava, gradativamente, se impondo nas relações sociais.

Tais sentimentos foram visualizados e entendidos por Boaventura como negativos porque estavam se manifestando com intensidade na vida dos homens e causando um distanciamento entre eles e os ensinamentos de Deus.

Outro autor importante para o entendimento das formulações de Boaventura é Bougerol na obra *Introduction a San Buenaventura*. Este autor destaca que Boaventura usou o seu discurso com ‘muita sabedoria e clareza’ para ensinar aos homens o que ele percebia que estava acontecendo na sociedade, o que sabia e o que o sensibilizava.

Bougerol afirma que Boaventura foi um dialético que soube usar a ciência da linguagem para transmitir sua sabedoria e, por isso, considera-o como um artista de qualidades ‘inigualáveis’.

San Buenaventura es, indiscutiblemente, un dialéctico. Es también un artista, cuyo estilo posee cualidades innegables [...] Es imposible, efectivamente, enseñar la sabiduría de otro modo que el discurso. Pero el discurso no basta por si mismo; necesita, además, ser rico en ideas. Un discurso de este tipo lo pronuncia el hombre con palabras claras, distintas y persuasivas, es decir, que ese hombre es capaz de expresar lo que percibe, lo que sabe, lo que le conmueve. Aprende la expresión precisa con la gramática; el pensamiento racional, con la lógica; la eficacia, con la retórica. Es la triple ciencia del lenguaje, sin la cual no se puede transmitir la sabiduría (BOUGEROL, 1984, p.151-152).

Ainda segundo este autor, o mestre Franciscano transmitiu seus ensinamentos por meio de um discurso pautado no pensamento racional, na lógica e na eficácia da retórica. A forma como tratou as questões da sua época leva-nos a entender que os debates realizados por ele foram importantes para o século XIII. Embora apontasse as exigências de novos comportamentos, de ações e de conhecimentos, afirma também que as explicações para elas não poderiam ser dadas somente pela Filosofia, já que esta era sempre submissa à Teologia. O comerciante, por exemplo, precisava do conhecimento das ciências (da Matemática, da Física...) para compreender e interagir com o mundo, porém, primeiramente, deveria desenvolver a inteligência para entender que só era possível a compreensão e o uso das ciências pelo caminho da Teologia.

O uso do pensamento reflexivo ou o desenvolvimento do intelecto, questão tratada detalhadamente por Boaventura, não era uma preocupação singular deste momento histórico. Todavia, embora seja sempre uma questão debatida em todas as épocas históricas, em cada tempo assume perspectivas específicas. No século XIII, era preciso desenvolver o intelecto para compreender a existência de Deus e seguir seus mandamentos.

Com efeito, independentemente do período histórico, a base principal dos debates sobre o intelecto é a ideia de que os homens devem fazer uso da sua

inteligência e realizar suas ações e comportamentos de acordo com as necessidades da sociedade em que estão inseridos.

É nesse sentido que entendemos que, com seus ensinamentos, Boaventura representou o seu tempo. Como outros mestres medievais, ele procurou expor seu pensamento na universidade, local que proporcionava longos debates teóricos. Na Universidade de Paris, ele provocou debates, expressou os seus conhecimentos bíblicos e argumentou que, apesar de necessário, o conhecimento científico tinha como principal questão entender Deus como criador de tudo.

### **Considerações Finais**

Dessa forma, podemos dizer que o valor atribuído por Boaventura ao desenvolvimento intelectual, no final do século XIII, mostra-nos que, independentemente da época, o intelecto é o condutor das ações humanas. No seu tempo, o autor fundamentou-se nas Sagradas Escrituras porque entendia que a inteligência só poderia ser desenvolvida pela via de uma ciência, a da Teologia, que explicava o mundo pela criação divina.

No embate que ele criou entre a Teologia e a Filosofia, detalhou a importância de uma ciência e de outra, mostrando que o conhecimento que os indivíduos buscavam sobre o mundo só seria possível caso eles soubessem refletir sobre todas as coisas e entender que foram criadas por um único ser. Logo, era necessário o uso da abstração, que, conforme Boaventura, era a questão primordial para esse entendimento, porque o abstrato só seria compreensível por meio da inteligência.

Nesse sentido, o entendimento das Ordens Mendicantes e dos escritos de Boaventura, no século XIII, constitui um aspecto importante na compreensão da história e da história da educação, pois, ainda que naquela época a religiosidade permeasse o ensino e o conhecimento, especialmente nos escritos Boaventuriano, o mestre não deixou de tratar das questões humanas e apontar caminhos para o entendimento do próprio homem, como foi o seu estudo sobre o intelecto.

### **Referências**

- BOUGEROL, J.G. **Introducción a San Buenaventura**. Madri: Biblioteca de autores Cristianos, 1984.
- DE BONI, A. L. **De Abelardo a Lutero**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989, 2vs.
- FABEL, N. **Os Espirituais Franciscanos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.
- GARÍ, B. La vida Del espíritu. In: GARI, B. **Las relaciones en la Historia de la Europa Medieval**. Valencia: Editora. Tirant lo blanch, 2006.
- HUIZINGA, J. **O declínio da Idade Média**. São Paulo: Verbo, 1978.
- LE GOFF. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- OCKHAM, G. Noção do conhecimento ou ciência. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril, 1973.
- SÃO BOAVENTURA. Brevilóquio. In: DE BONI, L. A. (Org.). **Obras Escolhidas**. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1985.
- SÃO BOAVENTURA. Cristo, único mestre de todos. In: DE BONI, L. A. (Org.). **Obras Escolhidas**. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1985.
- SÃO BOAVENTURA. **Legenda Maior e Legenda Menor**: vida de São Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SÃO BOAVENTURA. Redução das ciências à Teologia. In: DE BONI, L. A. (Org.). **Obras Escolhidas**. Caxias do Sul: Livraria Sulina Editora, 1985.

Recebido para publicação em 08-01-11; aceito em 19-01-11